

DOI: [10.46943/IX.CONEDU.2023.GT05.013](https://doi.org/10.46943/IX.CONEDU.2023.GT05.013)

O PAPEL DA INTERTEXTUALIDADE NA LITERATURA EM LÍNGUA DE SINAIS E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE CULTURAL SURDA

MACRYSLA YOHANNA ARAUJO SILVA

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Literatura Universidade de Brasília - UnB, macrysla@gmail.com;

RESUMO

A intertextualidade é um recurso marcante na literatura em língua de sinais, que é visto frequentemente na produção literária surda ou na literatura em língua de sinais. Ao utilizar este recurso, artistas e escritores em língua de sinais fazem referências a outras obras e estabelecem conexões entre o mundo surdo e o mundo ouvinte, enriquecendo suas produções e proporcionando uma experiência mais ampla e significativa ao público surdo. A intertextualidade permite que sejam explorados temas recorrentes na literatura surda, como a opressão, a luta por reconhecimento e pela valorização da cultura surda e o mundo visuogestual. Além disso, ao referenciar as obras e os artistas, é possível reforçar a importância da história e da memória da comunidade surda. Outro marco importante da intertextualidade na literatura surda, é a possibilidade de promover a interação entre diferentes gerações de surdos e a troca de conhecimentos e experiências vividos. Posto isso, esta pesquisa analisa contos da literatura surda infantil e juvenil em que encontramos traços intertextuais como forma de reafirmação da identidade e representatividade dentro da sociedade. Para isso, fizemos um apanhado de contos utilizados em escolas como a Cinderela Surda (2003), Rapunzel Surda (2003) o Patinho Surdo (2005) e analisamos os marcos teóricos e referenciais dentro dos contos. Para isso, utilizamos autores importantes da área, como: FERREIRA (2004), GESSER (2009), SUTTON-SPENSE (2016) E STROBEL (2009), além da análise intertextual dos contos, tendo como embasamento BENJAMIN (1983), COMPAGNON (2009) e RONAI (1981).

Palavras-chave: LIBRAS, Movimento surdo, Identidade Surda, Cultura Surda.

INTRODUÇÃO¹

A literatura em língua de sinais, por sua natureza visuoespacial, transcende as barreiras linguísticas convencionais, se apresentando como uma forma de expressão singular. Nesse contexto, exploraremos o papel fundamental da intertextualidade, não apenas como uma técnica literária, mas como um elemento intrínseco que molda a identidade cultural surda. Este capítulo tem como objetivo desvendar as complexas interações entre diferentes obras em língua de sinais, destacando como esses intertextos não apenas enriquecem narrativas, mas também tecem uma série de experiências e visões da comunidade surda.

Ao adentrarmos esse universo literário, é importante compreender que a literatura em língua de sinais adaptada não se resume a uma simples tradução de obras escritas ou faladas; é uma manifestação única de cultura e identidade. A intertextualidade, portanto, conecta essas expressões artísticas e culturais, gerando um diálogo complexo que vai além dos sinais isolados.

Este capítulo propõe analisar como se manifesta a intertextualidade na literatura em língua de sinais, e explorar as experiências dessa prática para a construção da identidade e cultura surda. Buscamos desvendar como a intertextualidade se conecta com os elementos culturais, históricos e sociais específicos da comunidade surda, contribuindo para a consolidação de uma identidade surda.

ARGUMENTAÇÃO TEÓRICA

A intertextualidade, transcende o mero entrelaçar de textos; em sua essência, a intertextualidade é a manifestação da relação dialógica entre distintos textos. A percepção sobre intertextualidade abrange teorias literárias de autores como Roland Barthes (1988), Julia Kristeva (2005). Kristeva (2005), e apresenta a intertextualidade como um fenômeno próprio da natureza da linguagem, onde cada discurso é, intrinsecamente, um mosaico de vozes e influências (KRISTEVA, 2005).

A noção de transtextualidade, proposta por Gérard Genette (1997), é um subconjunto da intertextualidade e contribui para uma compreensão por outra perspectiva. Genette (1997) apresenta camadas de relação entre textos, desde os

1 O presente trabalho foi realizado com apoio do Programa de Apoio à Pós-Graduação (PROAP) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES)

explícitos até os mais sutis, objetivando o que transcende a simples alusão textual para abraçar a complexidade dos diálogos intertextuais (GENETTE, 1997).

Para a análise da intertextualidade, consideramos também a importância de autores que repercutiram a sua análise. Em diferentes obras de Mikhail Bakhtin (1981), por exemplo, destaca-se na compreensão da intertextualidade como um diálogo entre diferentes vozes sociais e culturais (BAKHTIN, 1981).

A influência de Roland Barthes, é notável. Em sua obra *A Morte do Autor* (1987), Barthes propõe uma visão paradigmática, deslocando o foco da autoria individual de obras para a perspectiva da linguagem e da cultura. Essa mudança de perspectiva fundamenta a intertextualidade como um fenômeno próprio da natureza do discurso (BARTHES, 1988).

Entretanto, a exploração da intertextualidade não pode estar unicamente relacionada de uma investida nas complexidades de um hipertexto e de um hipotexto, conceitos elaborados por Gérard Genette (1997). O hipertexto, como uma obra que alude a outra, e o hipotexto, como a obra aludida, delineiam as referências cruzadas (GENETTE, 1997).

Os conceitos fundamentais da intertextualidade revelam-se como multifacetados que enriquecem a compreensão do tecido literário. No entanto, essa análise, por mais abrangente que seja, apresenta questionamentos provocativos. Até que ponto a intertextualidade molda a compreensão coletiva? Como a multiplicidade de vozes influencia a formação de identidades culturais?

REVISÃO LITERÁRIA - LIBRAS

A leitura em língua de sinais se apresenta de maneira singular e importante na compreensão da literatura e da identidade cultural surda. Neste contexto, exploramos as características distintivas e os desafios desta leitura visuoespacial, considerando as contribuições de estudiosos como Sutton-Spence (2016) e Strobel (2009).

A fundamentação teórica de Sutton-Spence (2016) apresenta a complexidade da leitura em língua de sinais, para ela, a literatura em língua de sinais envolve gestos/sinais, expressões faciais e corporais e movimento. Essa abordagem da leitura dá uma experiência enriquecedora ao interlocutor sobre as experiências do surdo na sociedade ouvinte e dá uma percepção sobre a cultura e identidade surda.

A autora Karin Strobel (2009), traz a natureza dinâmica da literatura em língua de sinais, e destaca a importância do espaço no tempo e lugar onde se passa a obra para a transmissão de significados. A autora traz que a literatura incorpora elementos visuais e temporais que enriquecem a narrativa de maneiras únicas.

Ao contextualizar essas reflexões teóricas, a análise intertextual dos contos, trouxemos autores como Benjamin (1983), Compagnon (2009) e Ronai (1981), para discutir sobre a intertextualidade presente em textos e discursos. A intertextualidade, ao conectar diferentes manifestações culturais, se apresenta de forma a compreender a leitura em língua de sinais como um ato profundamente enraizado na diversidade cultural surda no mundo ouvinte.

O autor e professor Walter Benjamin (1983), proporciona uma visão enriquecedora ao sugerir que a leitura não é apenas uma atividade cognitiva, mas também um ato cultural. Ao olhar para a literatura em língua de sinais, percebemos que a interpretação e não é apenas uma tradução de palavras, e sim meio de imersão na cultura da comunidade surda.

Para Compagnon (2009), a leitura não é um ato isolado, mas um diálogo contínuo entre diferentes textos. Na leitura em língua de sinais, esse diálogo se estende para além das palavras, incorporando movimentos, expressões e nuances gestuais que enriquecem a narrativa.

CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL SURDA ATRAVÉS DA LITERATURA

O debate sobre a construção da cultura e identidade surda encontra eco em Ferreira (2004), o autor destaca o papel da linguagem na formação da identidade surda, e traz a literatura em língua de sinais como uma forma de comunicação e expressão da cultura surda.

A autora Audrei Gesser (2009), contribui para essa discussão ao destacar a literatura como um ato político de resistência cultural. Ela argumenta que a escolha da língua de sinais na literatura é uma declaração política, uma maneira de reivindicar a singularidade da cultura surda em um contexto muitas vezes dominado pela oralidade. A visão de Gesser (2009) destaca a literatura como um instrumento de empoderamento, onde a comunidade surda reforça sua identidade cultural de forma ativa.

Sutton-Spence (2016) e Strobel (2009) ampliam essa compreensão ao abordar a linguagem visual na literatura em língua de sinais. Sutton-Spence (2016) destaca como a literatura surda incorpora uma rica gama de expressões corporais, transcendendo a mera representação de palavras. Strobel (2009) complementa essa visão ao enfatizar o papel do espaço visual na transmissão de significados, ressaltando como a literatura visual em língua de sinais contribui para a construção da identidade cultural surda.

A intertextualidade, explorada por Benjamin (1983), Compagnon (2009) e Ronai (1981), emerge como um elemento crucial na literatura surda. Benjamin (1983) destaca a importância da imagem na comunicação, enquanto Compagnon (2009) explora a intertextualidade como um diálogo entre diferentes obras. Ronai (1981) aprofunda a discussão, enfocando a linguagem visual e cinestésica na transmissão de significados. Esses elementos intertextuais na literatura em língua de sinais criam um rico tecido cultural, onde diferentes obras se entrelaçam, contribuindo para a afirmação e evolução da identidade surda.

Na contemporaneidade, a influência dessas perspectivas é notável. A literatura em língua de sinais não é apenas uma expressão artística; é uma forma de diálogo cultural contínuo. Essas abordagens moldaram a compreensão da identidade surda, permeando áreas como educação e representação. Contudo, desafios persistem, como a busca por maior representatividade e compreensão da manifestação da comunidade surda.

A construção da identidade cultural surda através da literatura é uma tapeçaria complexa, enriquecida pelos pensamentos de Ferreira (2004), Gesser (2009), Sutton-Spence (2016) e Strobel (2009), bem como pelos elementos intertextuais explorados por Benjamin (1983), Compagnon (2009) e Ronai (1981). Esses pensadores fornecem um alicerce para compreender não apenas o passado, mas também o papel dinâmico da literatura surda na construção e afirmação das identidades culturais surdas no presente e no futuro.

Contudo, é importante reconhecer as divergências entre esses estudiosos. Por exemplo, para a autora Audrei Gesser (2009), a literatura surda é utilizada como uma ferramenta política e de resistência da comunidade surda, enquanto Sutton-Spence (2016) e Strobel (2009) focam nos aspectos linguísticos e visuais. Essas diferenças enriquecem o debate sobre literatura surda oferecendo diferentes visões sobre a cultura e a identidade da comunidade.

Os dias atuais testemunham a aplicação prática dessas teorias. A literatura surda não se restringe a narrativas isoladas; ela é uma teia intertextual em constante expansão, incorporando novas vozes e experiências. A influência de Benjamin (1983), Compagnon (2009) e Ronai (1981) na análise intertextual reforça a compreensão de que a literatura em língua de sinais não se baseia apenas em palavras ou gestos isolados; ela é uma conversa contínua entre obras, culturas e identidades.

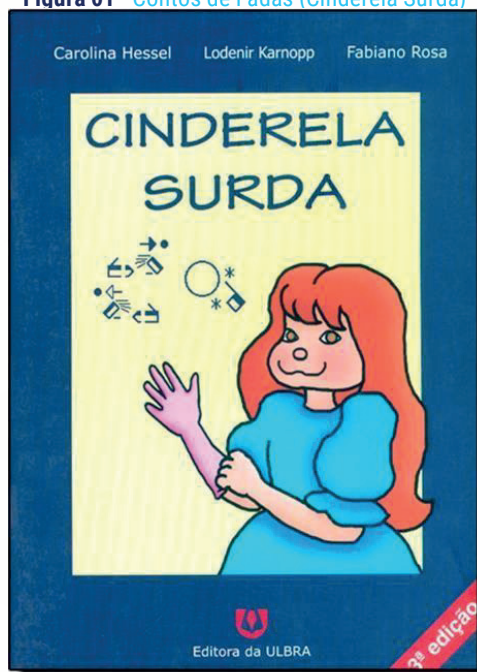
A era digital amplificou esse diálogo cultural, proporcionando maior visibilidade à literatura surda. Mídias sociais, plataformas online e recursos acessíveis impulsionam a disseminação de narrativas surdas, proporcionando um terreno fértil para a construção e reafirmação da identidade cultural surda.

Os escritos de Ferreira (2004), Gesser (2009), Sutton-Spence (2016), Strobel (2009), Benjamin (1983), Compagnon (2009) e Ronai (1981) norteiam a compreensão e valorização da rica herança cultural da comunidade surda. A continuidade desse diálogo teórico e prático é essencial.

METODOLOGIA

Em primeiro lugar, realizamos uma revisão abrangente de obras significativas nessa área, explorando as contribuições de escritores renomados, como FERREIRA (2004), GESSER (2009), SUTTON-SPENSE (2016) e STROBEL (2009). Essa análise aprofundada abarcou publicações, livros e artigos que solidificaram o arcabouço teórico, proporcionando uma compreensão da intertextualidade na literatura em língua de sinais e seu impacto na identidade cultural surda.

Simultaneamente, selecionamos seis contos específicos – Cinderela Surda (2003), Rapunzel Surda (2003), Feijãozinho Surdo (2009), Tibi e Joca (2001), três patetas surdos (2020) e O Patinho Surdo (2005) – para constituir o núcleo da pesquisa. Essas narrativas foram escolhidas por sua representatividade e relevância na literatura em língua de sinais. A análise aprofundada desses contos proporcionou percepções importantes sobre como a intertextualidade se manifesta nessas obras, contribuindo significativamente para a identidade cultural surda.

Figura 01 - Contos de Fadas (Cinderela Surda)?

Fonte: Livro *Cinderela Surda* (2003)

Nessa narrativa, os protagonistas, Cinderela e o Príncipe, habitam realidades distintas, ambos imersos em ambientes predominantemente ouvintes. A releitura da clássica história os coloca como personagens surdos, proporcionando uma nova perspectiva. A substituição do icônico “sapato de cristal” pela “luva” confere um significado mais profundo às mãos, destacando a importância desse meio de comunicação para a comunidade surda.

A introdução do personagem “Professor L’Épée” enriquece a trama ao representar uma figura importante na inclusão e disseminação das Línguas de Sinais pelo mundo, adicionando camadas de significado à narrativa. Essa abordagem apresenta a capacidade da literatura em língua de sinais de reinterpretar contos clássicos de forma a refletir a realidade e a identidade cultural surda.

2 HESSEL, C.; KARNOPP, L. B.; ROSA, F. *Cinderela Surda*. Canoas: ULBRA, 2003.

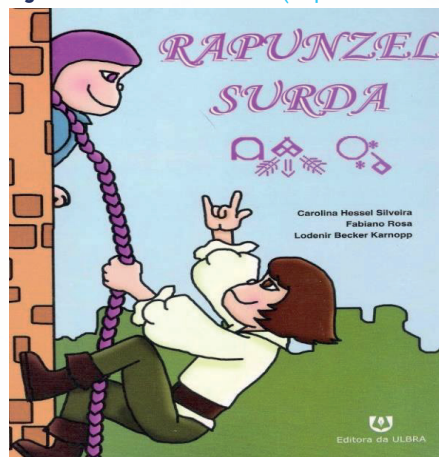
Figura 02 - Contos de Fadas (Cinderela Surda)



Fonte: Livro Cinderela Surda (2003)

No Livro Rapunzel Surda (2003) representa uma adaptação singular do clássico infantil Rapunzel, adaptando para a cultura surda. Nesta versão, os personagens que originalmente eram ouvintes agora são retratados como surdos. Essa narrativa foi adaptada e traduzida para a língua portuguesa por Caroline Hassel, Lodenir Karnopp e Fabiano Rosa, sendo publicada pela editora da ULBRA.

Figura 03 - Contos de Fadas (Rapunzel Surda)³



Fonte: Livro Rapunzel Surda (2003) ³¹

3 SILVEIRA, C. H.; KARNOPP, L. B.; ROSA, F. Rapunzel Surda. Canoas: ULBRA, 2003.

A história narra o sequestro de uma menina surda por uma bruxa, que a mantém isolada em uma torre por muitos anos. Durante esse período, Rapunzel vive afastada de seus pais e do convívio social, mantendo apenas contato com a bruxa. O enredo aborda temas como a aquisição da linguagem e um surdo imerso à ouvintes que não compreendem a línguas de sinais.

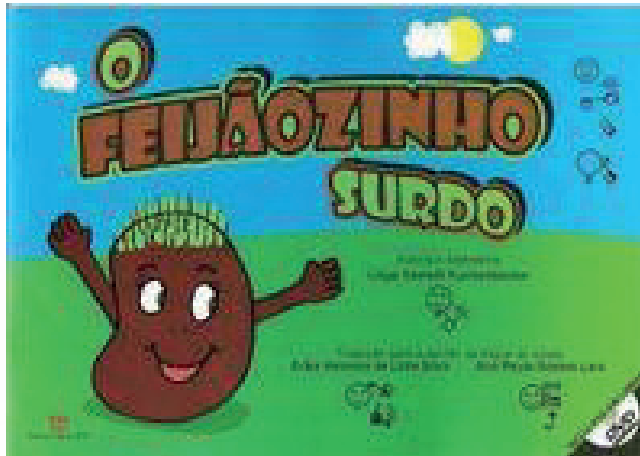
Figura 04 - Contos de Fadas (Rapunzel Surda)



Fonte: Livro *Rapunzel Surda* (2003)

Rapunzel Surda (2003) destaca-se como um recurso valioso para ser utilizado em ambientes inclusivos e em classes voltadas para crianças surdas. Ele aborda questões fundamentais, como identidade, literatura e cultura surda, ressaltando a importância do aprendizado da língua de sinais, especialmente no contexto brasileiro, onde se utiliza a Libras. Além disso, o livro, além de suas imagens cativantes, apresenta o texto em português acompanhado da representação em língua de sinais.

Figura 05 - Contos (O Feijãozinho Surdo)⁴



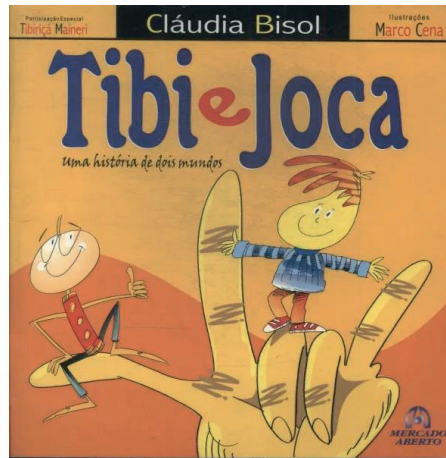
Fonte: Livro Feijãozinho Surdo (2009)

“O Feijãozinho Surdo” é uma encantadora narrativa infantil que explora a alegria da paternidade e as preocupações e angústias enfrentadas por pais ouvintes ao descobrirem a surdez de seus filhos. A trama destaca a importância fundamental do acesso da criança surda à aprendizagem da Língua de Sinais para o seu desenvolvimento linguístico e cognitivo. Toda essa temática é apresentada de maneira simples e visual, envolvida em um cativante conto infantil. Além disso, a história é disponibilizada em Libras, proporcionando uma experiência inclusiva e acessível para o público surdo.

No processo de criação, a cultura e a experiência surda são apresentadas e encaixam-se textos originais que surgem e são produzidos a partir de um movimento de histórias, e percepções da comunidade surda (MOURÃO, 2012, p.3). No Brasil ainda é pouco o material literário infantil criado pelos sujeitos surdos e disponibilizado ao público, entre os quais podemos citar Tibi e Joca, entre outros.

4 KUCHENBECKER, Liège Gemelli. O feijãozinho surdo. Canoas: Editora da ULBRA, 2009.

Figura 06 - Contos (Tibi e Joca uma história de dois mundos)⁵



Fonte: Livro Tibi e Joca uma história de dois mundos (2009)

“Tibi e Joca - Uma História de Dois Mundos” é um livro acessível tanto para crianças surdas quanto ouvintes. A trama gira em torno de Joca, um garoto especial que vive com surdez, e seu amigo Tibi. Juntos, eles realizam uma descoberta que transforma as vidas de Joca e sua família. A narrativa captura aspectos da experiência de vida de muitas crianças surdas, proporcionando uma história envolvente repleta de imagens e poucas palavras. Sua simplicidade torna este livro uma excelente opção para presentear crianças surdas e ouvintes em fase de alfabetização.

Figura 07 – Lucas Ramon (Tikinho)



Fonte: <https://surdoparasurdo.com.br/en/tutor/lucas-ramon>

5 BISOL, Cláudia. Tibi e Joca: Uma história de dois mundos. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2001.

Tikinho é um personagem de histórias em quadrinhos criado por Lucas Ramon, também conhecido como Tikinho. Lucas Ramon é um cartunista surdo brasileiro que apresentou seus desenhos pela primeira vez no FIQ 2015 com o nome “Três Patetas Surdos”.

Tikinho é um personagem surdo que foi desenhado à imagem e semelhança de Lucas Ramon. Ele é um adolescente que se comunica por meio da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) em todas as suas histórias. Com muito bom humor, Tikinho promove a inclusão por onde passa.

Lucas Ramon, através do personagem Tikinho, tem contribuído significativamente para a inclusão da comunidade surda no mundo dos quadrinhos e das histórias em quadrinhos. Ele tem usado suas habilidades artísticas para contar histórias em Libras para crianças surdas, promovendo a inclusão desde os primeiros anos de vida.

“Três Patetas Surdos” é uma envolvente história em quadrinhos que destaca a convivência e amizade entre três amigos surdos: Tikinho, Tetinho e Fefinho. Este trabalho representa o primeiro livro do talentoso autor mineiro Lucas Ramon Alves, cuja jornada artística teve início sob a inspiração de super-heróis e dinossauros. Lucas Ramon Alves, também conhecido como Tikinho, não apenas é um proficiente professor de Libras, mas também desenhista.

A estreia dos desenhos de Lucas ocorreu de maneira marcante no FIQ 2015, quando apresentou pela primeira vez sua obra intitulada “Três Patetas Surdos”. Desde então, sua habilidade única chamou a atenção, resultando em convites para palestras em diversos estados brasileiros. Este reconhecimento evidencia não apenas o talento artístico de Lucas, mas também seu papel significativo como palestrante e educador no cenário nacional.

Figura 08 – Lucas Ramon (Tikinho)



Fonte: <https://surdoparasurdo.com.br/en/tutor/lucas-ramon>

Três Patetas Surdos (2020) não se limita a ser uma mera história em quadinhos; é uma contribuição significativa para a cultura surda brasileira. O trabalho de Lucas Ramon Alves amplia a representatividade na mídia e proporciona uma narrativa rica em diversidade, destacando a importância da inclusão e da valorização da cultura surda.

Os autores do conto O Patinho Surdo (2005) são Lodenir Karnopp e Fabiano Souto Rosa. Eles realizaram uma adaptação única da clássica narrativa do “Patinho Feio”, transformando-a para refletir a cultura surda, onde o protagonista é um patinho surdo. A obra foi publicada pela editora da ULBRA, destacando-se como uma contribuição significativa para a literatura que busca representar e celebrar a diversidade cultural e linguística.

Figura 09 – O Patinho Surdo



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=yVd87tU6ovU>

O Patinho Surdo (2005) narra a vida de um patinho que, diferentemente dos demais em seu ninho, é surdo. Ao descobrir a Língua de Sinais da Lagoa através de outros patos surdos, ele desvenda sua própria história de vida. A trama aborda as nuances das diferenças linguísticas presentes não apenas na família, mas também na sociedade. Destaca-se a relevância do intérprete na comunicação entre surdos e ouvintes, proporcionando uma reflexão sobre a importância da inclusão.

Todas as histórias mencionadas têm em comum o foco na inclusão e representatividade da cultura surda. Cada uma aborda temas relacionados à surdez, utilizando personagens surdos e explorando as nuances da comunidade surda.

Encontramos também aspectos que mostram a importância do aprendizado da Língua de Sinais, e destacam a necessidade de compreensão e aceitação das diferenças linguísticas na sociedade.

Essas histórias são ferramentas educativas e inclusivas, e se apresentam como materiais didáticos que são usualmente utilizados em salas de aula, especialmente em ambientes inclusivos. As histórias apresentam mensagens de aceitação, identidade e valorização da diversidade, promovendo a compreensão entre surdos e ouvintes.

Fundamentando a análise intertextual dos contos em referenciais teóricos sólidos, tendo como base as contribuições de Benjamin (1983), Compagnon (2009) e Ronai (1981). Essa abordagem permitiu uma análise refinada, considerando tanto a dimensão cultural quanto a técnica literária presente nos contos selecionados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É notável a abrangência da intertextualidade na literatura em língua de sinais, indo além referência a outras obras e incorporando elementos culturais, históricos e sociais. Esse enriquecimento da narrativa se mostrou fundamental na construção de uma identidade cultural surda.

A pesquisa foi desenvolvida destacando a intertextualidade das obras, como mais do que uma técnica, sendo uma forma de expressão da identidade cultural surda. Os contos, como Cinderela Surda (2003) e Rapunzel Surda (2003), tornaram-se pontes entre culturas, apresentando um universo surdo em meio ao universo ouvinte.

A intertextualidade, examinados teóricos como Benjamin (1983), Compagnon (2009) e Ronai (1981), surgiu um diálogo entre diferentes formas artísticas. Esse fenômeno não enriquece apenas as narrativas, mas também amplia o alcance cultural da comunidade surda. A literatura em língua de sinais é um tesouro cultural que merece ser continuamente explorado e valorizado.

A intertextualidade não é apenas uma técnica literária; ela é uma voz que pede por reconhecimento. Observamos que, ao incorporar elementos culturais e históricos, a literatura em língua de sinais não só preserva tradições, mas também se torna um meio importante para reivindicar espaço e visibilidade dentro da comunidade. A intertextualidade, portanto, é um caminho para que a cultura surda seja reconhecida e apreciada de maneira mais ampla.

Ao reconhecer a relevância da intertextualidade na construção da identidade cultural surda, também confrontamos desafios. Esta pesquisa serve como um convite à exploração contínua da intertextualidade na literatura em língua de sinais e suas implicações na construção da identidade cultural surda, à medida que essas narrativas continuam a ecoar por gerações.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. O problema da poética de Dostoiévski. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

BARTHES, Roland. A Morte do Autor. In: O Rumor da Língua. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BENJAMIM, Walter. O narrador. In.: Magia e técnica, arte e política – obras escolhidas. v/1. 5ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

COMPAGNON, A. Literatura para quê? Tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

FERREIRA, Paulo Felicíssimo. Trechos do livro " História Cronológica do Imperial Instituto dos Meninos Cegos", por Claudio Luiz da Costa. Benjamin Constant, 2004.

GENETTE, Gérard. Palimpsests: literature in the second degree. Traduzido para o inglês GESSER, Audrei. LIBRAS? que língua   essa: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. 2009.

KRISTEVA, J. Introdu o   semanálise. Tradução de Lúcia Helena França Ferraz. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

MOURÃO, Cl dio H. N. Literatura Surda: Produ es Culturais em Línguas de Sinais. (Disserta o) Mestrado em Educa o. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.

Nebraska Press, 1997 por Channa Newman e Claude Doubinsky. United States of America: University of RÓNAI, Paulo. A tradução vivida. Editora Nova Fronteira, 1981.

STROBEL, Karin. História da educação de surdos. Florianópolis: UFSC, 2009.

SUTTON-SPENCE, R; FELICIO, M; LEITE, T; LOPES, B; MACHADO, F; BOLDO, J; CARVALHO, D. Os craques da Libras: a importância de um festival de folclore sinalizado. Revista Sinalizar, v. 1, p. 78-92, 2016.